

# AO TONITO

“Apanhem uma pedra e atirem-na. Verão que o medo desaparece subitamente...”

Hans, Hut, Karen...

O maior perigo está em que os ossos assimilem a carne.  
O maior perigo está em que o verniz das unhas contamine — secreto! — o cérebro juvenil.  
O maior perigo, ainda, continuo a dizê-lo — porque é preciso evitá-lo! —  
e não me importo, nunca, de usar as palavras de toda a gente:  
O perigo maior reside: não na inversão dos termos, porém na sua identidade, sua identificação.

O que, como diz, e muito bem, o meu amigo alfaiate, pedreiro, mestre-de-obras, caixeiro-viajante, engraxador, pedinte, poeta sem vintém, chulo de virgens, pacote ou guardador de automóveis:

O maior perigo! amigos! não é **comer!** é **ser comido!**  
Atirai, pois, uma pedra! jovens de Amsterdam  
aos polícias reunidos em torno ao ministério:  
aos administradores reunidos em reunião:  
aos vossos pais cebeludos e admiráveis:  
às prostitutas sorridentes:  
às mulheres que, convosco, só querem dormir na cama  
aos automóveis cheios de gente ingrata:  
aos que esqueceram Deus de joelhos nas igrejas:  
aos profanos do espírito moribundo  
aos literados porcos e falhados:  
aos defensores do necrotério:

**Atirai! atirai uma pedra!**  
**e perdereis o medo.**

Em Rijksmuseum há provas disso:  
Lá está a cabeça de Marat  
esperando que vos vinguem.

Lisboa, 5-VII-71